Kamilla dos Santos Barbura

**O uso do livro didático no trabalho com leitura em sala de aula**

**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**

**Unidade de Campo Grande-MS**

**Outubro de 2015**

Kamilla dos Santos Barbura

**O uso do livro didático no trabalho com leitura em sala de aula**

Artigo para conclusão de curso de Letras com habilitação em língua portuguesa e inglesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profª Natalina Sierra

**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**

**Unidade de Campo Grande- MS**

**Outubro de 2015**

**RESUMO**

A prática de leitura em sala de aula não tem sido desenvolvida de modo satisfatório se a julgarmos de acordo com a necessidade de formarmos alunos leitores que sejam atentos e críticos ao que lêem. Neste artigo buscaremos pontuar os fatores que levam a isso da perspectiva da utilização exclusiva do livro didático no desenvolvimento do trabalho com leitura em nossas escolas.

Palavras – chave: leitura, livro-didático, professor, aluno-leitor, sala de aula.

**INTRODUÇÃO**

Uma breve experiência no trabalho com a educação colaborou para a escolha do tema deste artigo, aliada a notável relevância da leitura na formação de nossos alunos.

A importância do desenvolvimento da leitura é indiscutível. Formar alunos que sejam verdadeiros leitores e não apenas decodificadores são de suma importância para todo o desempenho curricular de um aluno.

No trabalho de leitura que é desenvolvido em nossas escolas públicas, notamos a quase que exclusiva utilização do livro didático como meio para atingir o êxito da formação do aluno leitor. Entretanto, observamos também que isso pode não ser suficiente, já que encontramos alguns fatores negativos quando nos apoiamos apenas no livro didático.

Os livros propostos para uso em sala de aula, quase não contribuem para que o aluno se torne o leitor crítico conforme deveria ser pretendido, já que não estimula o aluno a desenvolver suas idéias e as colocar em exercício em sala de aula. Diante as limitações das atividades de leitura, da simplificação das temáticas propostas, podemos entender que o livro didático subestima nossos alunos.

Assim, nesse artigo objetivamos apontar brevemente os problemas causados pelo uso exclusivo do livro didático em aula visando trabalhar a prática de leitura e as consequências negativas que podem vir caso não se utilize outras ferramentas ou abordagens. Para tanto comentaremos dois exercícios de um livro do 7º ano de uma escola pública de Campo Grande, buscando indicar os aspectos desfavoráveis dessas atividades intentando colaborar na formação de alunos que interpretem de maneira adequada o que lêem.

Cada vez mais percebemos os alunos sendo colocados em posição passiva, sem direito de se posicionar e muito menos de questionar, como se apenas o professor tivesse direito a fala. Podemos notar também que é grande o número de professores que se deixam manipular pelo livro didático, fazendo com que ele comande as aulas. Intentando atender ao que lhe é proposto, notamos os alunos apenas decodificando textos para que assim respondam ao que lhes são cobrados. Mas, sabemos que a verdadeira leitura vai muito, além disso. A leitura deve produzir significados, significados esses que promoverão a interação necessária entre o leitor e o texto, para que assim haja uma interpretação de qualidade.

O sistema de utilização do livro didático tem influenciado no comodismo dos professores, que apoiados em seus manuais didáticos há muito deixaram de ser leitores e pesquisadores. Professores que não são leitores também é fator culminante na má formação do aluno leitor. Portanto acabam servindo apenas como mediadores entre o conhecimento limitado que o livro quer passar e o aluno, que em quantidade significativa encontra-se desmotivado e apático em seu ambiente escolar.

A leitura é uma atividade crescente que necessita de um trato especial, principalmente para iniciantes. Daí a importância de termos professores preparados para orientar a formação de alunos leitores, levando em consideração a limitação causada pela maturidade e também os conhecimentos prévios de cada um.

**CONCEITUANDO LEITURA**

Para Orlandi (2001), o conceito de leitura é polissêmico, podendo significar concepção, no sentido de leitura de mundo; pode também significar a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto; assim como atribuição de sentidos para a linguagem oral e escrita, e em um sentido restrito, leitura é também alfabetização. Portanto através das observações de Orlandi temos clara a ampla significação do que é leitura, o que aumenta ainda mais seu valor e relevância. Entretanto tamanha importância não está clara para grande maioria da população brasileira.

Segundo reportagem feita pelo site do Senado, o brasileiro lê em média 2,5 livros anualmente, desses apenas 0,9 não são livros didáticos, ou seja, a leitura feita espontaneamente é menor ainda. Associado a isso, percebemos a influência de elementos sociais agindo negativamente no incentivo à leitura, pois sabemos que o acesso a livros pode ser financeiramente custoso. Além dessa dificuldade para que as crianças cheguem até os livros, também temos dificuldade em levar o livro até a criança. Criança que diversas vezes está inserida em um contexto familiar de baixo nível de instrução, que não vê importância em apresentar e introduzir a criança no mundo literário.

Muitos fatores contribuem para isso. Um deles é o formato do sistema educacional. Na atual conjuntura, a prática de leitura é conferida em maior parte a professores de língua portuguesa, que já têm tantas outras responsabilidades curriculares para desenvolver em carga horária que às vezes se mostra insuficiente, o que não é justo, pois um aluno que lê bem e sabe interpretar o que lê gera bons frutos em todas as áreas. Conforme comenta Ângela Kleiman em Oficina de Leitura-Teoria e prática:

É claro que os objetivos do professor de língua serão mais facilmente atingidos se houver um esforço conjunto dos vários professores que ensinam a criança, daí a pertinência de abordar assuntos relevantes em outras áreas. No entanto, devemos lembrar que o enfoque integrado, interdisciplinar de um assunto não significa apenas que o professor de português se torna mais um professor de ciência: significa, também que o professor de ciências se torna mais um professor de leitura. (Kleiman, 2002, p. 26)

Dessa maneira constatamos que um trabalho feito em conjunto com professores de todas as áreas de conhecimento da escola, sem dúvida se mostraria mais eficaz no trabalho da prática de leitura.

Algo que tem dificultado o desenvolvimento da leitura de qualidade no meio educacional é a postura do professor e também da instituição escolar. De um lado observamos profissionais engessados e apoiados em livros didáticos que limitam o trabalho e consequentemente o aprendizado do aluno. Encontramos professores inaptos a mediar o processo de ensino e aprendizagem de leitura; a orientar o processo da leitura em que o aluno deve buscar os elementos fundamentais para a compreensão do texto.

Do outro, instituições conformadas com a aprendizagem do que consideram básico e que não incentivam a melhor formação de seus profissionais, já que também devemos destacar que muitas vezes o professor não está preparado para formar leitores. Leitores esses que devem reconhecer as significações presentes em cada linha textual. Significações que serão percebidas considerando-se o conhecimento “de mundo” do leitor. Conhecimento que é de fundamental importância na leitura, conforme explica Irandé Antunes em Aula de Português-Encontro e Interação.

Daí que as informações prévias com que o leitor chega ao texto, derivados de seu próprio conhecimento de mundo e das relações simbólicas que, aí, estabelece, também cumprem um papel fundamental na atividade de compreensão do texto. O sentido de um texto não está apenas no texto, não está apenas no leitor; pois está em todo o material lingüístico que o constitui e em todo o conhecimento anterior que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. É por isso que não se pode ver no texto o que lá não está, nem se pode ver apenas o que lá está sobre a página. A leitura tem assim, a dinâmica de qualquer outro encontro: seu sentido é de agora e é de antes. (Antunes, 2009-p. 78)

Aliando os conhecimentos prévios, a um texto de qualidade e adequado à maturidade do aluno, podemos promover uma leitura satisfatória e estabelecendo o enfrentamento entre o leitor e o autor, que se apresenta na forma do texto, ocorre a produção de significados que se deve obter através da leitura. Acerca desse fato Irandé Antunes também faz um comentário pertinente.

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor: na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas idéias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas dos acontecimentos, do mundo em geral. (Antunes, 2009-p. 70)

Essa produção de significados comentada por Irandé é a que nos parece essencial no trabalho que acreditamos que deveria ser trabalhado em nossas escolas, já que é a maior contribuinte na formação do aluno-leitor pensante que esperamos formar.

**O LIVRO DIDÁTICO**

Sabemos da importante função desempenhada pela língua, entretanto a maneira como muitas vezes é apresentada, mostra a língua portuguesa como algo muito distante da realidade do aluno, tornando a matéria uma chata vilã que eles devem enfrentar para seguirem suas carreiras escolares. Essa imagem negativa também colabora na dificuldade de formarmos leitores, pois a leitura está fortemente ligada à matéria de língua portuguesa ministrada nas escolas.

Como ferramenta no trabalho de apresentar a língua portuguesa e a leitura para os alunos, os professores têm o livro didático, que surgiu colaborando para que o profissional da educação não precisasse criar seu próprio material de trabalho. No entanto, isso tem seu lado negativo, pois o livro didático assume a autoridade das aulas, permitindo que o professor não precise criar ou planejar seu trabalho.

O sistema de utilização desses manuais de ensino delega ao professor a função de reproduzir o que vem determinado como conteúdo a ser trabalhado em sala. Visto isso, podemos depreender que o livro subestima a capacidade de planejamento do professor e de aprendizado do aluno. Ele que limita o desenvolvimento do aluno, tendo em vista que não estimula a criação de novas idéias e não permite interpretações livres que possam levar o aluno a refletir sobre o que foi lido e assim desenvolver o seu censo crítico.

A prática de leitura, por exemplo, sofre grandes dificuldades para ser trabalhada com a devida e merecida qualidade. Observamos claramente a deficiência no desenvolvimento dessa prática. Nota-se o quanto o livro didático não é eficaz na introdução e no desenvolvimento da prática de leitura, a partir de seu formato de exposição de textos. Outro fator preponderante é que o manual não leva o aluno a elevar o seu conhecimento, a querer buscar saber mais sobre a matéria exposta, considerando-se suficiente para diversos conteúdos muitos até de alta complexidade.

A escola também não tem cumprido seu papel no que tange a apresentação literária a seus alunos. Segundo Calvino (1993):

A escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois da escola. (Italo Calvino- Por que ler os clássicos 1993, p.13)

Visto isso, acreditamos que a instituição de ensino poderia cumprir o papel de apresentar a literatura de qualidade em sala, já que fora dela as chances de o aluno ter contato com ela são mínimas por motivos que anteriormente comentamos.

**ATIVIDADES DE UM LIVRO DIDÁTICO QUE ENVOLVEM LEITURA**

O livro didático que foi consultado é da 7ª série e faz parte dos livros que são fornecidos pelo MEC às escolas públicas, foi publicado pela Editora Ática em 2009, 1ª edição. Observamos nele a forma como apresenta os textos e o modo que trabalha a leitura. O livro, de modo geral, traz bons textos, entretanto são apenas trechos. Claro que seria inviável uma obra completa da literatura brasileira, por exemplo, incluída em um livro didático, entretanto, tal objeto nem faz referência à obra em sua totalidade; o que torna o trabalho vazio e até sem sentido.

Vejamos um exemplo de como o livro utiliza um poema de Vinícius de Moraes para apresentar o conceito de soneto.

**Atividade 1**

Copie o poema no caderno substituindo os números por palavras, conforme as instruções. Procure palavras que tenham significado adequado ao contexto, para que o poema fique com sentido.

Soneto do amor total

Amo-te tanto, meu amor... não cante

o humano coração com mais verdade...

Amo-te como amigo e como **1**

numa sempre diversa **2**.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,

e te amo além, presente na saudade.

Amo-te, enfim, com grande **3**

Dentro da **4** e a cada instante

Amo-te como um bicho, simplesmente,

de um amor sem mistério e sem virtude

com um desejo maciço e permanente

E de te amar assim muito e amiúde,

é que um dia em teu corpo de repente

hei de morrer de amar mais do que **5.**

**Instruções**

1. Palavra com três sílabas que rime com a última palavra do primeiro verso.
2. Palavra com cinco sílabas que rime com a última palavra do segundo verso.
3. Palavra com quatro sílabas que rime com saudade
4. Palavra com cinco sílabas, que rime com a última palavra do verso anterior e indique oposição à idéia expressa em a cada instante.
5. Verbo de duas sílabas que rime com a última palavra do primeiro verso dessa estrofe.

Como podemos notar o exercício que se refere ao escrito de Vinícius não propõe nenhum estudo acerca da interpretação do poema, mas sim o utiliza como ferramenta para esclarecer as características de um soneto, cometendo ainda o “pecado” de suprimir parte do poema. Ou seja, não o apresenta de modo integral e original, fazendo assim um trabalho sem valor literário, muito superficial, que não contribui para o desenvolvimento da interpretação crítica de nossos alunos.

Em outro capítulo do mesmo manual encontramos um fragmento de Senhora, de José de Alencar. O trecho ocupa 4 páginas e faz parte do quarto capítulo do romance, em que Aurélia, personagem principal, se reaproxima de Fernando. Em seguida, temos um conjunto de 6 exercícios que tem por título Interpretação Escrita. No entanto, a interpretação cobrada nos exercícios não são as que consideramos válidas. As questões são superficiais, e pedem que o aluno encontre no texto fragmentos que comprovem afirmações colocadas no exercício. Isso nos leva a pensar que para o manual é mais importante fazer com o que o aluno concorde com o que ali está posto, do que levá-lo a reflexão e criar sua própria opinião.

Fica claro por todo o livro que não há o desejo de provocar reflexão do aluno acerca do que é lido. As questões levam apenas a buscar uma suposta intenção do autor, sem desenvolver criticidade, sem promover uma discussão entre o conhecimento do aluno e a fala do autor através do texto. Uma leitura superficial, até mesmo descomprometida, basta para atender a demanda do livro, portanto o aluno acaba não desenvolvendo suas ideias e argumentações.

Segundo Orlandi em Discurso e Leitura (2001):

A contribuição do professor, em relação às leituras previstas para um texto é modificar as condições de produção de leituras do aluno, dando oportunidade para que ele construa sua história de leituras e estabelecendo quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto, sem obstruir o curso da história (futura) desses sentidos. (Orlandi, p. 88)

Para chegarmos à construção da história de leitura a que Orlandi se refere algumas ações em sala seriam válidas. Por exemplo, a busca dos porquês, do significado de palavras desconhecidas facilitaria o entendimento do texto e levariam os alunos a irem além das questões objetivas que vêm com respostas determinadas no manual didático do professor, assim possibilitando o crescimento intelectual dos alunos. Crescimento que colabora também na formação do aluno enquanto indivíduo.

Porém, o que percebemos é que o professor permite que o livro tome total domínio da aula, assim perdendo sua voz, e impedindo também a do aluno, como se a “verdade” do livro fosse inquestionável. Subestimado o aluno se torna um ser passivo, sem voz, para que assim não mude o curso da aula que é criada não pelo professor, mas pelo manual didático.

**Conclusão**

O professor para formar um leitor deve saber reconhecer a realidade do aluno e levá-la em consideração, pois isso fará com que ele interaja melhor com o texto. Sabemos que não é tarefa fácil, já que em uma única turma o professor se depara com diversas realidades e circunstâncias, entretanto, com algum preparo e boa vontade é possível fazermos um bom trabalho, que contribua na formação de alunos leitores e os enriqueça intelectualmente, contribuindo também em sua formação enquanto indivíduo atuante na sociedade. Na busca desse objetivo não podemos nos ater apenas ao livro didático.

Acreditamos que o professor tenha que enxergar o livro didático de uma nova forma, utilizando-o como um parceiro, um apoio, que não pode ser único, e não um guia do que deve ser feito em sala, retomando assim “as rédeas” de suas aulas.

Não defendemos aqui a extinção do livro didático, pois não há necessidade de uma atitude tão radical. Na tentativa de apontar os fatores negativos que seu uso pode causar para a prática de leitura pretendemos apenas gerar uma reflexão que busque melhorar cada vez mais algo que é de grande importância, a formação de leitores.

Aspiramos que, em sala de aula, professores e alunos criem discussões, debates, acerca dos significados possíveis para cada leitura, causando assim a real interação do aluno com o texto e a construção do conhecimento de qualidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português, encontro e interação.** 8ed. Parábola, São Paulo, 2009.

CALVINO, Italo**. Por que ler os clássicos**. 2 ed, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura-teoria e prática.** 9 ed. Pontes , Campinas, 2002

MATENCIO, Maria de Lourdes. **Leitura, produção de textos e a escola.** Mercado das letras, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura.** 6 ed. Campinas, Cortez, 2001

[Senado Notícias. **Brasileiro lê, em média, 2,5 livros por ano.** Disponível em: http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2009/03/13/brasileiro-le-em-media-25-livros-por-ano. Acessado em 29 de outubro de 2015.](Senado%20Notícias.%20Brasileiro%20lê,%20em%20média,%202,5%20livros%20por%20ano.%20%20Disponível%20em:%20http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2009/03/13/brasileiro-le-em-media-25-livros-por-ano.%20Acessado%20em%2029%20de%20outubro%20de%202015.)